

Sentido e significação dos milagres de Jesus

MEANING AND SIGNIFICANCE OF MIRACLES

People of all times appreciated spectacular phenomena. Would it be possible to talk about miracles to our technical generation? Yesterday many people saw in the miracles of Christ a proof of His divine Being; today, many have them as a rock in their life to faith. When medicine says "no", only then people pilgrim to the church. God became a kind of an outcast of our modern society. Man of the Bible sees miracles where we can see only events of natural laws. Miracle is a faith problem rather than a scientific one. Miracles have not been defined by Church so far. Christ's are true miracles, operated through words as well as deeds. The first christians, Theologians as critical as R. Bultmann have them as true miracles. Rather than plays on a stage His miracles are a) a sign of the coming of the Kingdom of God and the destruction of Satan's; b) a sign of Christ not being only the Messiah through words, but through deeds as well; c) a sign of faith. No miracle is possible without faith. Miracle leads to faith. Christ has brought man near to God. He has broken down the wall between profanity and sacrality. He was interested in our salvation...

Muitos cristãos, hoje, sacodem os ombros quando ouvem falar de milagres. Simplesmente não sabem que dizer a respeito. O milagre ainda tem sentido num mundo quase totalmente manipulado pela mão e pela inteligência do homem? Ainda se poderá falar de milagres ao homem da civilização técnico-urbana com responsabilidade intelectual, de tal modo que signifiquem algo para êle?

Está certo, sempre houve pessoas ávidas de espetáculos e miraculosidades, desejosas de ter as asas do pássaro para vencer livremente o espaço, de caminhar sôbre as águas do oceano sem afundar, de ver o sol interromper seu curso por algum tempo e muitas outras coisas estupendas. Entre os pagãos da antiguidade a fantasia já dera asas a muitas fábulas e lendas. Na Idade Média e nos tempos modernos enfeitou-se muita vi-

da de santo com tais **histórias** de caráter lendário. Não será também por isso que hoje nos invade certo senso de mal-estar diante de tudo que cheira a milagre? Aquelas histórias milagrosas que se nos contam sobre Fátima, Lourdes e alhures não são mera infantilidade? Quem me **prova** que são verdade? Pode-se, enfim, ser bom católico sem correr atrás dessas coisas? E os milagres da Bíblia?

A fé evidentemente não se constrói sobre sensacionalismos no sentido acima referido. O cristão vive não de visões, mas da fé. Até penso que para muitos faria bem um pouco mais de sobriedade. É triste quando também entre os cristãos se pode notar maior ganância de visões e espalhafatos que fome de palavra revelada de Deus em Cristo; maior superstição que fé na remissão dos pecados, na presença de Cristo entre nós (na palavra, nos sacramentos e na diaconia da caridade) e na esperança da salvação eterna. Quando certos "milagreiros" lêem uma notícia no jornal ou ouvem um **zum-zum**, que nalgum lugar da terra acontecem fenômenos extraordinários, logo correm a organizar romarias. Crer em Deus, para tal gente, significa crer na possibilidade que Ele faça coisas esquisitas só para deixar os homens boquiabertos. Mas é este o sentido bíblico e teológico do milagre?

O problema do milagre em geral.

Gerações anteriores à nossa consideravam os milagres do

Senhor como **prova** evidente de sua **divindade**, prova **apologética** de que Jesus é Deus. Assim o milagre pertenceria à própria essência de nossa fé. Hoje, ao contrário, muitos homens de cultura vêem nas narrações dos milagres do Nôvo Testamento antes um empecilho para se encontrar com o Cristo na fé. O método histórico-crítico, como é empregado nas ciências exatas, educou o senso crítico do homem moderno a tal ponto de até sentir certa repugnância às histórias fabulosas de qualquer tipo. A ciência natural fez com que histórias fantásticas até se tornassem pouco interessantes para nós. Quem pode locomover-se com o automóvel, com o trem ou o avião, de bom grado renuncia ao privilégio de ser transportado sobre as asas de um "anjo" no espaço sideral. Basta olhar para o comportamento do homem de hoje na vida prática. Se, por exemplo, adoece uma criança, primeiro a levamos ao hospital, ao médico. Só em último caso, quando a medicina não der mais chance de cura, nos dirigimos, em peregrinação, a algum santuário, a fim de pedir que Deus faça um **milagre** pela intercessão de um santo ou de Nossa Senhora. Mas esta atitude típica nos deveria fazer refletir, pois, que significa, então, o milagre para o homem moderno? Nesta visão parece que Deus só tem lugar para agir onde acaba o recurso da ciência e da técnica humanas. Só começamos a rezar e a pedir quando tudo parece estar perdido. Nosso Deus assume, por assim dizer, a fun-

ção de tapa-buracos, i. é, terá que ceder lugar, em nossa vida e no mundo, à medida que a ciência (parapsicologia, cibernética, etc.) progredir. Deus torna-se literalmente um **marginal**. Mas é este o Deus da Bíblia, o Deus que se revelou aos homens nos acontecimentos, o Deus que fez milagres? — Não!

Sem dúvida, na Bíblia encontramos muitas coisas extraordinárias. Mas ela é muito mais que uma coleção de histórias e fábulas. As coisas extraordinárias que ali encontramos não devem ser vistas separadamente de seu grande contexto histórico-salvífico, como as fábulas e lendas dos mitos pagãos. Neste caso W. Goethe teria razão em dizer: "O milagre é a criança predileta da fé".

Desde o tempo da filosofia iluminista nossa relação com os milagres torna-se cada vez mais vaga. O milagre bíblico foi alvo de contínuas críticas. Aos racionalistas o milagre parecia uma ofensa contra a razão humana.* O que esta não consegue esclarecer deverá ser considerado como mito. Neste horizonte de visão se passou a considerar os milagres do Novo Testamento. A apologética colocou-se no mesmo nível para defender os milagres com **demonstrações** racionais que, até hoje, continuam sendo a base do pensamento teológico popular, quase generalizado. O raciocínio é: Deus é Todo-poderoso, logo pode fazer milagres. Na polêmica contra as ciências naturais, a apologética transferiu os milagres sempre mais para situações-limites, nas

quais não havia mais esperança de ajuda ou intervenção humana. Deus foi marginalizado na vida de fé cristã, pois, milagre, neste contexto, só podia significar uma **ruptura** das leis da natureza, a qual pudesse ser demonstrada. Mas com este modo de ver as coisas, a pregação e a teologia se afastaram sempre mais do pensamento bíblico. E o homem de hoje, enquanto já participa da civilização técnico-urbana, não vê mais o milagre tanto nas coisas extraordinárias, bizarras e abstrusas, mas nas coisas ordinárias, i. é, na técnica que ele mesmo construiu com suas mãos e com sua inteligência.

Como explicar este desenvolvimento da teologia?

No tempo da filosofia escolástica, o milagre passou a ser considerado do ponto de vista metafísico: o que acontece metafisicamente no milagre? Qual é o **em-si do milagre**? Com isto foi isolado sempre mais do grande contexto histórico-salvífico, da sua significação para o homem. Sem dificuldade encontramos esta tendência em certos textos de Tomás de Aquino (1). Deus transgride as leis da natureza para fazer milagres. A crítica da filosofia racionalista então negou os milagres neste sentido de ruptura das leis da natureza, pois, estas o próprio Deus pôs na criação e, se as violasse, degradaria a criação.

(1) Citamos apenas dois textos: S. Th. I, q. 110, a. 4: "Aliquid dicitur esse miraculum, quod fit praeter ordinem totius naturae". Outro: S. Th. I, q. 105, a. 7: "Unde illa quae a Deo fiunt, praeter causas nobis notas miracula dicuntur".

Tôda a discussão começou a jogar com conceitos estranhos ao pensamento bíblico como tal. O homem bíblico simplesmente não conhece o conceito de **natureza e leis da natureza**, no sentido moderno da palavra, nem vê o milagre só nas coisas extraordinárias, i. é, nas transgressões do curso normal da história. Em primeiro lugar, vê Deus agindo nos acontecimentos cotidianos, justamente lá, onde, a nosso ver, apenas se cumpre uma **lei natural**. O milagre se realiza em tôda a parte, onde o homem reconhece a atuação e a bondade de Deus. O milagre é considerado essencialmente à luz da fé. É antes um problema de fé que de ciência. Assim, como ainda veremos, o milagre, no sentido bíblico, não se opõe à ciência no sentido da filosofia iluminista, mas à cosmovisão deísta do iluminismo. Por isso é tanto mais lamentável que para a grande maioria de cristãos o milagre passou a ser visto quase só do ponto de vista do que é constatável com os meios das ciências naturais. Talvez a prática seguida atualmente nos processos de beatificação e canonização de santos tenha contribuído para isto, deixando a impressão de que por atestados médicos se provem os milagres como tais. Mas, poderá interpretar-se o milagre como sendo uma **demonstração** no sentido da ciência experimental? ... De outra parte, quem julgar que deve negar os milagres, opondo razões científicas, faz do determinismo metodológico da ciência natural um determinismo apriorista e de cosmo-

visão. Ora, com isto contradiz a definição da ciência natural como sendo experimental, pois ela só pode interpretar os fenômenos a **posteriori**, porém, nunca excluí-los a **priori**.

Na discussão em tórno do milagre hoje ainda pesa mais a **crítica histórica** que a das ciências naturais. O filósofo iluminista **G. E. Lessing** (1729-1781), alemão, observara que na Bíblia não encontramos os milagres como tais, mas apenas como no-os contam outros, os quais dizem tê-los visto. Há mais de cem anos atrás o teólogo alemão **D. Fr. Strauss** (1808-1874), protestante, declarou que as narrações dos milagres nos evangelhos são míticas. Outro teólogo da atualidade, **R. Bultmann**, também protestante, mas com grande influência na teologia católica, diz que os milagres são inconciliáveis com a cosmovisão moderna.

O magistério eclesiástico manifestou-se diversas vêzes sôbre os milagres, sem, contudo, dar uma definição. As formulações do concílio Vaticano I (1869-1870) situam-se mais no campo da teologia fundamental e devem ser interpretadas nesse contexto. Em resumo, se pode dizer que o principal objetivo do magistério era dizer que os milagres são mais que mera convicção subjetiva (os milagres de Jesus!), sem, todavia, qualificar nenhum fato como tal. O Vaticano I ainda condena os que negam a possibilidade dos milagres, por não admitirem a existência de milagres, rejeitam tôdas as narrações de milagres, também as contidas

na Sagrada Escritura como fábulas e mitos (2).

Em nossa atitude crítica, em relação aos milagres de Jesus, nos apoiaremos na própria Sagrada Escritura. Sem maiores dificuldades nela poderemos encontrar uma visão crítica, a qual se nos manifesta, por exemplo, no fato de Jesus se ter negado repetidas vezes a fazer milagres de legitimação, de sensacionalismo. As curas de Jesus levam um acento polêmico contra o culto mágico da interpretação que êle mesmo dá: "Tua fé (!) te salvou"! A partir daí já seria errôneo pensar que os milagres são um remédio contra toda a descrença.

Observamos que os autores neotestamentários não visam tanto o sensacionalismo do milagre em si. Tal tendência se nos mostra, por exemplo, no fato de Mateus ter resumido as narrações milagrosas de Marcos, concentrando a atenção do leitor para sua dimensão cristológica. Paulo adverte mais vezes contra a prática do êxtase e aconselha a sobriedade. A tudo isto acresce a presunção, teologicamente fundamentada, de que o milagre absoluto não se repete à toa, mas sempre está ligado estreitamente ao acontecimento único Jesus Cristo, o milagre absoluto. Daí

se poderá deduzir certo princípio de sobriedade. Cumpre, pois, considerar a possibilidade de milagres com certa atitude crítica, sem negá-lo. Interessam-nos, sobretudo, os milagres de Jesus.

Deve-se atender à argumentação superficial e falsa de certos apologetas que dizem: Deus pode operar milagres. Ora, Jesus é Deus, feito homem. Logo, pôde fazer milagres, como os evangelhos nolos contam. Tal silogismo da razão não pode convencer o descrente porque põe o carro diante dos bois. Baseia-se numa suposição apriorística: Deus se fez homem no Jesus de Nazaré. Mas isto apenas sei à luz da fé. Metodologicamente não se pode fazer depender a pesquisa histórica dos evangelhos da **profissão de fé**: Jesus é o Cristo.

Fêz Jesus milagres?

Uma leitura atenta do Novo Testamento logo nos chamará a atenção que Jesus se revelou não só por palavras, mas também por obras. Os autores neotestamentários acentuam ambos os aspectos: suas palavras e suas obras. O evangelista Marcos, por exemplo, dá muito valor às obras de Jesus. Mateus formou grandes unidades com as palavras de Jesus e outras com suas obras. Assim Jesus não é apenas um profeta escatológico. Êle também operou coisas extraordinárias: sua comunidade de mesa com pecadores, com impuros para o culto, seus milagres, o perdão dos pecados... Quem quisesse reconstruir uma imagem de Je-

(2) Sobre Vaticano I cf. Denzinger-Schönmetzer: 3033 (1812); 3034 (1813); 3009 (1790). Pio IX (como sinais externos de credibilidade): 2779 (1838). Pio X (juramento contra o modernismo): 3539. Cf. também contra L. E. Bautain: 2753 (1824); 2768 (1822). O concílio Vaticano II se refere aos milagres de Jesus: Constituição dogmática A Igreja, n. 5; Decr. sobre a Liberdade Religiosa, n. 11; Constit. dogm. sobre A Revelação Divina, n. 4. Cf. Pio XII (Humani Generis) Denzinger: 3005.

sus sem considerar os milagres teria que renunciar ao Jesus histórico. Rudolf Bultmann escreve: "A comunidade cristã estava convencida de que Jesus fez milagres e contou uma multidão de histórias milagrosas sobre ele. A maioria destas narrações contidas nos evangelhos são lendárias, ou, ao menos, têm moldura lendária. Mas, não pode haver nenhuma dúvida de que Jesus operou tais obras, que para ele e seus contemporâneos eram milagres, i. é, atribuídas a uma causalidade sobrenatural, divina. Sem dúvida, ele curou doentes e expulsou demônios" (3). A opinião de homem tão crítico pode servir-nos para uma séria reflexão.

Para nós o problema dos milagres tornou-se, sobretudo, um problema de tradição e do pensamento filosófico crítico. A interpretação talvez se tenha preocupado demasiadamente com o aspecto externo dos milagres, melhor das narrações dos milagres do Novo Testamento, isolando-as do contexto de fé. Esquecemos que estas narrações não pretendem ser um protocolo, mas são o testemunho de fé de homens crentes, os quais não se preocupam tanto com os detalhes de pura facticidade. Trata-se não de uma visão científica, mas de fé.

A exegese, hoje, nos elaborou preciosas indicações para compreender melhor as narrações dos milagres do Novo Testamento das quais aqui citamos três:

(3) R. Bultmann, *Jesus, Munique-Hamburgo* (Slebenstern-Taschenbuch) 1965, p. 119.

1) As narrações dos milagres sujeitam-se a determinado desenvolvimento. Tendem, por via de regra, a multiplicar-se e aumentar o caráter extraordinário no decorrer da transmissão posterior. Tal desenvolvimento também observamos no Novo Testamento, por exemplo: Marcos 1, 34 diz: "Ele curou muitos". Mateus, que redigiu seu evangelho mais tarde, diz: "Ele curou todos" (Mt 8, 16).

2) As narrações dos milagres neotestamentários encontram uma série de analogias na antiguidade. Bastaria citar paralelos, como os encontramos nas curas de Epidauro, no qual já se quis ver um correspondente à Lourdes moderna.

3) Os milagres são narrados num esquema prefixado, podendo-se falar, ao mesmo tempo, de uma técnica literária para narrações de milagres existente no mundo em que viviam os evangelistas. O exegeta W. Marxen, protestante, descreve esse esquema: "Primeiro se conta a gravidade da doença ou do sofrimento, acentuando-se, muitas vezes, que muitos já haviam tentado a cura. Com isto se sublinha a grandeza do milagre que seguirá. Depois se dá o encontro com aquele que faz o milagre. Frequentemente isto se dá com manipulações embaraçosas (por contato, com saliva posta no órgão doente ou citação de palavras incompreensíveis). Depois da cura demonstra-se o sucesso: coxos andam e atiram fora suas muletas ou carregam sua cama. No fim os espectadores entram em

côro para expressar sua admiração e proclamar louvor ao autor do milagre" (4).

Quem quiser aplicar o referido esquema às narrações dos milagres neotestamentários evidentemente terá que atender também às diferenças essenciais no que concerne o sentido e a significação. Mas, é importante saber que, por exemplo, também os rabinos faziam milagres, atribuídos às suas orações. Há mesmo um modelo de narração dos milagres dos rabinos. Deve admitir-se que os autores neotestamentários conheciam tais modelos literários e talvez de propósito se tenham servido deles para proclamar o poder, a glória e a grandeza de Jesus. O referido esquema podia prestar-se muito bem para isso, uma vez que não está orientado para os detalhes da facticidade, mas para a pessoa do que faz os milagres. Mas Jesus age como quem tem êle mesmo poder, sem necessidade de recorrer a fórmulas mágicas nem a orações.

Se admitirmos que os evangelistas se serviram de esquemas literários pré-existentes, nada impede que suas narrações também apresentem traços de caráter lendário. Neste caso urge interpretá-las dentro do contexto histórico-salvífico, indagando seu sentido e significação bíblico-teológicos. Na Sagrada Escritura encontramos milagres fundamentais e outros secundários. Fundamentais são, por exemplo: a criação, o êxodo de Israel do Egito e o acontecimento Jesus Cristo.

Estes, todavia, são acompanhados por outros, com a finalidade de explicitar a significação teológica dos primeiros.

Fazemos questão de repetir que, do ponto de vista histórico, seria inexplicável a transmissão dos milagres, nos evangelhos, se Jesus na sua vida histórica não tivesse feito obras, que têm deixado, ao menos, a impressão geral tão forte que mais tarde foi possível anunciar Jesus como autor de milagres. Por isso seria errôneo negar os milagres de Jesus, por princípio. Também homens extremamente críticos, como R. Bultmann, G. Bornkamm, M. Dibelius, admitem a existência de milagres autênticos. É verdade, correm o perigo de minimalizá-los na sua interpretação, dando, por exemplo, demasiado valor aos paralelos na história das religiões da antigüidade. Reagindo contra tal minimalização surgiu o problema dos "ipsissima facta" de Jesus, um problema análogo aos "ipsissima verba" (J. Jeremias). Procura-se, então, critérios para distinguir milagres autênticos de outros. Tais critérios seriam, por exemplo, os que não se podem deduzir diretamente do ambiente helenístico ou judaico. São os milagres com fronte anti-farisaica (cura de leprosos, ao sábado etc.) ou milagres ligados aos "logia" (palavras) autênticas de Jesus (expulsão de demônios).

Mais problemática se torna a questão dos milagres na ordem da natureza (o caminhar sobre o lago, o parar da tempestade). Há sérias dúvidas a

(4) W. Marxen, *Der Streit um die Bibel*, Gladbeck, 1965, p. 53-54.

respeito, porque tradições mais antigas (fonte 'Q') parecem não referir nenhum dêles e porque parecem apresentar mais um caráter simbólico com expressão teológica.

Tôda a ajuda dos conhecimentos históricos do tempo contemporâneo a Jesus pouco nos servirá, se não atendermos ao sentido e à significação que a própria Escritura dá aos milagres.

Sentido dos milagres de Jesus

O esquema literário das narrações de milagres, a que acima nos referimos, presta-se para expressar o querygma neotestamentário. Os feitos milagrosos são descritos para proclamar de maneira visível a mensagem de Jesus sôbre o reino de Deus, seu poder, sua glória e sua grandeza. Pela força e pelo poder de Deus, Jesus supera o campo das forças demoníacas ou satânicas que se haviam apoderado dos enfermos e possessos. No sentido do querygma apostólico, os milagres de Jesus são o querygma do reino de Deus entre nós e sua revelação messiânica por obras. São sinais que indicam para além de si mesmos. Por isso devem ser interpretados dentro do contexto global e à luz da mensagem salvífica que Jesus anunciou. Para isso antes devemos considerar os termos que a Escritura emprega.

O Antigo Testamento hebraico usa a palavra característica **ôth** (sinal). É a palavra que caracteriza as pragas do Egito (Ex 7, 3). Um **ôth** não precisa ser um acontecimento

extraordinário, se bem que muitas vezes é designado com êste mesmo termo. Importante é que um **ôth** sempre aponta para um contexto maior, pois o sentido de sinal não é evidência direta. É, antes, um apêlo à decisão na fé. No Nôvo Testamento grego encontramos a expressão correspondente no **ôth**, que é **semeion**. Como tal se encontra no quarto evangelho, pois, João retorna à terminologia veterotestamentária. Nos evangelhos sinóticos **semeion** tem um caráter negativo, pois Jesus nega-se a dar um **sinal** aos fariseus: "Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum" (Mc 8, 12). Mas é de notar que o **sinal** pedido se refere à tal evidência que dispensaria a fé. Os evangelhos sinóticos preferem empregar **dynamis** (obra de poder e da autoridade). Outras vezes o Nôvo Testamento ainda usa **térata** (aparições poderosas), **thaumásia** (coisas admiráveis) ou ainda, simplesmente, **érgon** (obra). Os autôres do Nôvo Testamento não consideram o milagre **em si**, mas na sua significação de sinal dentro do todo da história salvífica.

É claro que as narrações milagrosas, no contexto dos evangelhos, têm também um cunho próprio. As obras do Senhor Jesus não dependem de orações (como no caso dos rabinos) nem de fórmulas mágicas. Raras vezes recorre a meios medicinais (contudo aplicou saliva aos olhos do cego: Mc 8, 22 ss). Outras vezes apenas terá dado uma palavra de ordem, mesmo

à distância. Pode-se dizer também que, em geral, o milagre neotestamentário está destituído do caráter espetacular costumeiro das narrações de tal gênero na literatura não-bíblica da antiguidade. As curas milagrosas, por exemplo, sempre estão ligadas estreitamente à fé do que vai ser curado ou de seus acompanhantes, sem que se pudesse reduzir o acontecimento refletido à simples sugestão psíquica. Sempre de novo volta o verso: "Tua fé te salvou"!

Ainda que as narrações dos milagres de Jesus se enquadrem no esquema literário já conhecido, contudo assumem um caráter específico, devendo ser vistos sempre à luz da mensagem salvífica. Os exegetas, geralmente, admitem um 'lógion' (palavra) como sendo autenticamente da boca de Jesus, o qual se refere aos milagres: "Ai de ti Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidon se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido, assentadas em pano de saco e cinza. Contudo, no juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidon do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás ao inferno" (Lc 10, 13-15; cf. Mt 11, 21-24). Estas palavras se atribuem ao próprio Jesus, porque os evangelhos não falam explicitamente de milagres em Corazim, mas em Cafarnaum e Betsaida. Por isso os exegetas vêem estas palavras como pronunciadas, com grande probabilidade, tais quais, pelo **Jesus histórico**.

As narrações dos milagres do Novo Testamento convergem para o encontro com a mensagem salvífica do reino de Deus presente na pessoa de Jesus. Para este encontro pouco nos serviria o atestado médico mais exato que, por exemplo, a comissão médica para as curas de Lourdes pode formular. Também esses deixariam de registrar o que é o mais importante. Por isso não nos deverá afligir que no Novo Testamento não haja protocolos médicos detalhados dos acontecimentos. Só, a quem é dado crer é dado reconhecer a glória de Jesus através dos sinais. Isto valeu tanto outrora como hoje. João diz claramente: sobre o primeiro sinal em Caná: "Com este deu Jesus princípio a seus sinais, em Caná da Galiléia: manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nêle" (Jo, 2, 11).

Quem tiver uma visão bíblica profunda dos milagres não se perderá em detalhes insignificantes. Mateus reduziu algumas narrações de Marcos àquilo que é mais importante. Jesus é mais que um taumaturgo ou exorcista: é mestre munido com autoridade (cf. Mc 1, 22. 27). Só a mensagem de Jesus nos permite interpretar corretamente suas obras.

Significação teológica dos milagres de Jesus (5).

Os milagres de Jesus nunca são meros espetáculos, nem

(5) Recentemente apareceu bastante literatura que se ocupa com a interpretação bíblica dos milagres de Jesus, da qual apenas indicamos algumas para leitores interessados: R. H. Fuller, *Interpreting the Miracles*, Londres, 1966; F. Mussner, *Die Wunder*

provas ou demonstrações no sentido moderno da palavra. São sinais com tripla função:

1) São sinais do reino de Deus que irrompe; Marcos indica isto logo no início de seu evangelho (1, 15). Depois de anunciar sua mensagem fundamental, refere, logo, uma série de milagres (expulsão de demônios, etc.). Quer significar que, com a vinda do reino de Deus, será destruído o reino de satanás. Também Lucas fala neste sentido: "Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Lc 11, 20). Sob este aspecto a atuação de Jesus também apresenta o caráter de **exorcista**: com a vinda da **basiléia** o homem é libertado do domínio de satanás e lhe é dada vida. Onde Deus erige seu reino aí é sanado o mundo. Mas sendo este reino uma grandeza voltada para o futuro, também os milagres o são. Eles contêm a promessa do futuro do homem e do mundo, penhor de esperança. Os milagres caracterizam nosso mundo como um mundo dinâmico, um mundo em desenvolvimento para a esperança. Neste ponto se deverá corrigir a compreensão que R. Bultmann tem dos milagres de Jesus. Ele vê o milagre de Jesus unilateralmente no perdão dos

pecados e na fé. Estes, evidentemente, são milagres. Mas também não se deverá ignorar que o Antigo Testamento e o Novo Testamento conhecem, outrossim, uma esperança do corpo e a salvação do mundo, contradizendo tal espiritualização unilateral.

2) Os milagres são sinais de Cristo: "Se é pelo dedo de Deus que eu expulso os espíritos..." (Lc 11, 20). Os milagres indicam para o poder escatológico de Jesus. Ele não é só o Messias da palavra, mas também da ação. Creio que se pode reconhecer um relacionamento cristológico triplo nos milagres:

a) Milagres são realização das promessas feitas por Deus, no Antigo Testamento: "Cegos vêem, coxos andam, leprosos são curados, surdos ouvem, mortos ressuscitam e a mensagem da boa nova é anunciada aos pobres. Bem-aventurado aquele que não se escandaliza de mim" (cf. Mt 11, 5s). Pelos milagres Deus manifesta sua vontade salvífica, prometida no Antigo Testamento. Operando milagres Jesus se põe à disposição da vontade do Pai: são um ato de obediência.

b) Nos milagres de Jesus revela-se o poder de Deus, mas tão oculto na humanidade que pode escandalizar (cf. Mt 11, 6). Mostram uma tendência antignostica e anti-helenística, sendo um corretivo forte contra todas as tentativas de espiritualizar a imagem de Cristo.

c) Os milagres visam libertar o homem para seguir a Jesus Cristo. A expulsão dos de-

Jesus, Munique, 1967; A. Suhl, *Die Wunder Jesu*, Gütersloh, 1968; J. Gnlika-H. Fries, Art.: *Zeichen-Wunder*, in: *Handbuch Theologischer Grundbegriffe II*, Munique, 1963, pp. 876-896; W. Trilling, *Fragen zur Geschichtlichkeit Jesu*, Düsseldorf, 1966, pp. 96-105; B. Thum-H. Haag-J. Schmid-A. Vögtle-A. Kolping-J. B. Metz., Art.: *Wunder*, in: *Lexikon für Theologie und Kirche*, X, Friburgo, 1965, colunas-1251-1265.

mônios quer fazer o homem partícipe do reino de Deus. Seguir a Cristo significa, simultaneamente, **missão**. Jesus transmite aos seus discípulos não só o poder de pregar a palavra, mas também de fazer milagres: "Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos" (Mc 6, 7).

3) Os milagres de Jesus são sinais de fé. Já do ponto de vista meramente estatístico se pode verificar a estreita ligação entre milagre e fé. As palavras **pistis** (fé) e **pisteuein** (crer) geralmente ocorrem em conexão com as narrações de milagres: "Tua fé te salvou" (Mc 5, 34; 10, 52; Mt 9, 22; Lc 17, 19). Onde Jesus não encontra fé não pode fazer milagres (cf. Mc 6, 5s; Mt 13, 58). Mas são sinais que **não obrigam** o homem a crer. Os adversários também vêem os sinais que Jesus opera, interpretando-os como obra dos espíritos malignos.

a) O milagre, de uma parte, deverá conduzir à fé. Deverá levar àquela pergunta: Quem é este? A atitude originária do homem, de admirar-se, deve abri-lo. Mas, estes sinais não dão certeza matemática, podendo mesmo ser interpretados como obra do demônio. Se tivessem sido apenas miraculosidade nunca teriam conduzido à fé.

b) De outra parte os milagres de Jesus pressupõem fé. Só à luz da fé fenômenos equívocos em si se tornam unívocos ou inequívocos. A escritura muitas vezes os apresenta como resposta de Jesus ao pedi-

do, à oração do homem, oração que exprime fé. O crente não confia em si mesmo: "Eu creio, mas ajuda a minha descrença" (Mc 9, 24). Só nesta paradoxia a fé se torna capaz de receber o milagre de Deus: "Quem crê pode tudo" (Mc 9, 22s; Mt 17, 20). O milagre é prometido à fé que participa da onipotência de Deus.

Assim os milagres nos reconduzem ao ponto de partida: orientam-nos para Deus. Fé nos milagres é fé e confiança na onipotência de Deus e na sua providência. Em última análise não dizem outra coisa, a não ser que Deus mesmo agiu e atuou neste Jesus de Nazaré para a salvação do homem e do mundo todo.

c) A atitude de Jesus.

Com certeza somos capazes de dizer algo a respeito da vida de Jesus, também algo de extraordinário: teve comunidade com pecadores, com impuros para o culto, com gente socialmente desclassificada. Dêste modo violou a lei judaica e por conseguinte o estilo de vida que viveu não era **piadoso** no sentido tradicionalista. Também não é por nada que o chamam "glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores" (Mt 11, 19). Esta atitude de Jesus não visa tanto o provocamento da crítica por parte da sociedade quanto proclamar sua reivindicação teológica. Neste sentido bastaria considerar a parábola do filho pródigo. À primeira vista parece proclamar a misericórdia de Deus para com o pecador. Mas uma análise mais profunda poderá mostrar-nos que com esta pa-

rábola Jesus quer justificar sua própria atitude. No fundo quer dizer: em relação ao pecador Deus se porta como eu me portei. O mesmo poderíamos dizer de suas refeições comunitárias com pecadores. Para Jesus a refeição é o símbolo da comunidade escatológica com Deus. Aceitando os pecadores à refeição consigo parece dizer que também os aceita para a refeição escatológica com o Pai. Em tudo isto Jesus revela sua reivindicação messiânica: age em lugar de Deus.

Conclusão.

Na atitude de Jesus e em suas obras Deus mesmo se achegou do homem perdido, particularmente, do pobre e dos excluídos da sociedade humana. Nêle se manifesta a benignidade de Deus, nosso Salvador e o seu amor para com os homens, não por obras de justiça praticada por nós, mas segundo sua misericórdia (Tit 3, 4s). Enquanto Jesus rompe as barreiras tradicionais dos **piadosos**, suspende a diferença entre pureza e impureza para o culto e a separação tradicional entre sacral e profano. Do ponto de vista da história das religiões observamos aqui um aspecto realmente extraordinário. Segundo Jesus, o santo não está ligado a determinado espaço nem à determinada classe social. Para êle apenas interessa o homem necessitado de salvação. Em Jesus a vontade salvífica do Pai é universal e global, absoluta e incondicionalmente revelada à fé do homem. Mensagem, obras e com-

portamento de Jesus implicam, pois, uma reivindicação extraordinária para sua própria pessoa, colocando-nos aquela pergunta: "O que dizes de ti mesmo"?

Nesta perspectiva deveremos ver o milagre bíblico. A perda da visão bíblica do milagre nos empobreceu muito e nos conduziu a muitas controvérsias estereis entre ciência e teologia. Enquanto ficamos aguardando coisas miraculosas e extraordinárias, nos tornamos surdos e cegos para os grandes milagres de Deus: criação, conservação e govêrno da mesma (história salvífica) e sua redenção por Cristo (6). O homem veterotestamentário ainda possuía bastante senso para ver Deus também no desenvolvimento natural da criação e não só nos espetáculos miraculosos. Milagre é, no Antigo Testamento, sinal da atuação de Deus no mundo, sempre orientada para a salvação do homem e não para a miraculosidade. O homem bíblico tem, pois, uma fé muito mais rica e o conceito de milagre no sentido de ser sinal para esta fé, é mais vasto.

O mesmo vale também para o Nôvo Testamento. Os milagres, aí, não devem ser enten-

(6) S. Agostinho, no seu comentário ao Evangelho de S. João, tem uma passagem marcante, onde êle se queixa que os homens se acostumaram tanto às coisas de todos os dias que já não sabem admirar mais a maravilhosa obra de Deus numa semente. Diz que na realidade a ordem de todo o cosmos é um milagre maior que saclar cinco mil pessoas com apenas cinco pães. E pergunta: "Quem agora nutre todo o mundo, senão aquêle que deixa amadurecer colheitas intêlras de um único grãozinho"? Agostinho interpreta o milagre como sinal que indica para o Deus invisível. Tract. Jo. Ev. 24. 1. Migne PL 35, 1592s; Cf. também de Trin. III, 10, 19; PL 42.879.

didos apenas como provas, no sentido de provas científicas, da divindade de Cristo. Só a fé nos diz que Jesus é o Cristo, i. é, Deus. Mesmo quem tivesse presenciado os milagres de Jesus 'in loco' ainda teria podido dizer que tudo aquilo era feitiçaria, obra de belzebu, como de fato aconteceu. Faltava-lhes a fé. Milagres são sinais para os olhos da fé, indicando-nos a presença atuante de Deus no mundo, a presença real do reino de Deus em Jesus de Nazaré. Os evangelistas não contam espetáculos para provar com exatidão matemática que Jesus é Deus; referem **sinais** — João de preferência até usa a palavra sinal — que revelam o poder, a autoridade escatológico-salvífico de Deus em Jesus de Nazaré. As narrações dos milagres nos evangelhos deverão ser vistas dentro do contexto da proclamação da mensagem da boa nova.

A finalidade primária e fundamental dos milagres de Jesus também não é o afastamento da miséria material do mundo, pois o sentido da encarnação de Deus não se restringe a alguns gestos filantrópicos por parte de Jesus.

Claro, o exemplo de Jesus também quer animar-nos às obras da caridade. Mas a obra redentora de Cristo é mais que simples gesto de nobreza humana: é a mensagem da salvação eterna.

No sentido bíblico e cristão, os milagres querem possibilitar-nos o caminho a Deus pela fé, dando-nos sinais fidedignos a uma decisão pessoal na fé. São um apêlo que reclama nossa resposta. Mas não devem ser confundidos com espetáculos. São, isto sim, um apêlo dirigido à esperança última do homem, não objeto de uma constatação experimental, ao menos não na dimensão da fé. E esta que interessa. Caracterizam o mundo no sentido de grandeza dinâmica orientada pela esperança da salvação do homem e do universo. São sinais da salvação vinda a nós em Jesus de Nazaré, mas sinais da fé: "Tua fé te salvou"! E o milagre no Evangelho não só pressupõe a fé, mas nela também nos quer confirmar. Este aspecto é muito mais importante que todo o resto, pois pela fé seremos capazes de reconhecer a atuação de Deus nos acontecimentos cotidianos como nos extraordinários de nossa vida.